

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

A USINA ESTER (COSMÓPOLIS – SP) E SEU TERRITÓRIO – INTERPRETAÇÃO DE UMA PAISAGEM

SESSÃO TEMÁTICA: PAISAGEM COMO CONSTRUÇÃO COLETIVA: UM
PROJETO INCONCLUSO

Maria Cristina da Silva Schicchi
POSURB – PUC-CAMPINAS
cristina.schicchi@puc-campinas.edu.br

A USINA ESTER (COSMÓPOLIS – SP) E SEU TERRITÓRIO – INTERPRETAÇÃO DE UMA PAISAGEM

RESUMO

O artigo discute a possibilidade de pensar a preservação de patrimônios no âmbito regional. A partir deste objetivo, se apóia em pesquisa mais ampla realizada sobre o patrimônio cultural da Região Metropolitana de Campinas (RMC), em que se propôs constituir um *corpus* teórico e metodológico para compreender os patrimônios de um conjunto de cidades a partir de referências comuns, o que se denominou posteriormente de “patrimônios diacrônicos”. O objeto de estudo que permitiu repensar formas de identificação, de atribuição de valor, instrumentos e gestão patrimonial foi a Usina Ester, constituída por um conjunto composto por uma grande indústria produtora de açúcar e álcool, suas colônias operárias, estrada de ferro, fazendas, núcleos coloniais, além de um significativo patrimônio imaterial. Esse empreendimento, fundado em 1903 por um grupo de fazendeiros e empreendedores privados, foi responsável pelo surgimento de diversos povoados e vilas, que por sua vez originaram distritos e municípios no interior do estado de São Paulo, como as cidades de Paulínia, Cosmópolis, Artur Nogueira, Engenheiro Coelho, Conchal e o Distrito de Martinho Prado Júnior, em Mogi Guaçu. A passagem de engenho para indústria foi possível graças a dois fatores: a implantação da estrada de ferro da Companhia Carril Agrícola Funilense e a fixação de mão de obra abundante e europeia, a partir da implantação de Núcleos Coloniais. O traçado virtual da ferrovia possibilitou a leitura da ocupação do território e o re-estabelecimento da conexão entre elementos variados e dispersos: estações, equipamentos urbanos, fazendas, vilas operárias, usinas, indústrias, edifícios institucionais, recreativos, olarias, traçados de núcleos, etc., abordagem que envolveu múltiplos aspectos e escalas, para além de divisas administrativas municipais. A partir do reconhecimento desses aspectos foi possível interpretar a paisagem constituída pelo conjunto Usina Ester + Funilense, que permite ainda hoje articular no território, os tempos, memórias e vestígios de sua constituição.

Palavras-chave: Patrimônios diacrônicos. Usina Ester. Paisagem.

USINA ESTER (COSMÓPOLIS) AND ITS TERRITORY – INTERPRETATION OF A LANDSCAPE

ABSTRACT

The article discusses the possibility of thinking heritage preservation in the regional realm. From this objective on, it is based on a broader research about the cultural heritage of the Metropolitan Region of Campinas (RMC), which aims at building a theoretical and methodological corpus in order to understand the heritage of a set of cities based on common references, what was called later “diachronic heritage”. The object of study that allowed for the rethinking of ways of identification, value attribution, instruments and heritage management was Usina Ester, constituted by an ensemble of a great sugar and alcohol factory, its working communities, railway, farms, residential nuclei and also a significant immaterial heritage. This enterprise, established in 1903 by a group of farmers and private entrepreneurs, was responsible for the creation of many settlements and villages that originated districts and cities in São Paulo state, like the cities of Paulínia, Cosmópolis, Artur Nogueira, Engenheiro Coelho, Conchal and Martinho Ptado Júnior District in Mogi Guaçu. The change from a sugar mill to a factory was possible because of two factors: the building of the Companhia Carril Agrícola Funilense railroad and the settling of abundant european handwork in the new Settlement Nuclei. The virtual path of the railroad allowed the reading of the occupation of the territory and reestablishing the connection among various dispersed elements: railway stations, urban equipment, farms, workers villages, mills, factories, institutional and recreational buildings, brickyards, nuclei tracks, etc., an approach that involved many aspects and scales beyond municipal administrative

borders. From the acknowledgement of these aspects it was possible to interpret the landscape constituted by the ensemble Usina Ester plus Funilense which still today allows the articulation in the territory of the times, memories and vestiges of its creation.

Keywords: diachronic heritage. Usina Ester. landscape.

INTRODUÇÃO¹

Portanto, não só temos que distinguir diversos patrimônios ambientais urbanos (que seriam as representações produzidas pelas diversas segmentações da sociedade), mas mesmo dentro desses segmentos teríamos que considerar o patrimônio ambiental urbano como algo em ininterrupto estado de fermentação, de reprodução de renovação, isto é, como coisa viva, que não pode ser aprisionada na mala de uma forma atemporal. De maneira que me parece solução reducionista a mera fixação apriorística de uma série de atributos que permitiriam depois, na realidade, estabelecer quais os objetos que entrariam, ou não, na lista do que devo considerar patrimônio ambiental urbano [Ulpiano Bezerra de Meneses].²

O artigo se inicia com a conclusão em epígrafe que resume, de certa forma, o principal argumento adotado para a discussão sobre o patrimônio cultural das cidades da Região Metropolitana de Campinas, que é o de não adotar *a priori* uma forma de enquadrar aquilo que em princípio se queria conhecer. Tal abordagem pretende inserir o patrimônio cultural como parte da discussão mais geral sobre políticas urbanas territoriais. Do ponto de vista metodológico, a questão se desloca do campo estrito da gestão cultural para a do planejamento, envolvendo a revisão de critérios de classificação e valoração dos bens culturais e a retomada ou incorporação de novos conceitos que possibilitem ampliar a proteção a conjuntos de interesse cultural não enquadráveis nas figuras tradicionais de tutela e tombamento.

A partir dessa premissa, a pesquisa da qual se originou este artigo se propôs a consolidar um *corpus* teórico e metodológico para o estudo das cidades que compõem a Região Metropolitana de Campinas. Dada a natureza dos bens remanescentes, dispersos por um território hoje dividido em distintos municípios, entendeu-se a necessidade de analisar todos os componentes que o caracterizam: históricos, estruturais, organizacionais, dinâmicas.

O artigo foi dividido em três tópicos. O item 1 “Contexto metropolitano: território, territorialidade, paisagem e referências culturais”, discute os aspectos teórico-metodológicos, será seguido de um texto descritivo analítico “A Usina Ester: ferrovia, formação de cidades e patrimônios dispersos” em que se apresenta o objeto de estudo e os processos de transformação do território a ele associados e, finalmente, seguem-se algumas “Reflexões Finais”.

¹ Este trabalho conta com financiamento do CNPq, através de Auxílio à Pesquisa do Edital Universal 2014 e de Bolsa de Produtividade em Pesquisa PQ2.

² COMUNIDADE EM DEBATE: Patrimônio Ambiental urbano – Unidade de Ação Comunitária. CDT. *Centro de Documentação e Informação Técnicas*. São Paulo, 1978, p.25.

1. CONTEXTO METROPOLITANO: TERRITÓRIO, PAISAGEM E REFERÊNCIAS CULTURAIS

A Região Metropolitana de Campinas (RMC) foi instituída no ano 2000 pela Lei Complementar Estadual 870 e ocupa uma área que representa 1,3% do território do Estado de São Paulo. Foi concebida a partir de uma política de planejamento regional, desencadeada pela Constituição Estadual de 1989. É composta por 20 municípios, a saber: Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Morungaba, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara d'Oeste, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos, Vinhedo, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, sendo que os três últimos foram integrados em 1991 e Morungaba em 2014.

A Região tem como sede a cidade de Campinas, que foi o mais importante núcleo do complexo cafeeiro paulista. A abertura das rodovias, Anhanguera nos anos 1950 e dos Bandeirantes no final dos anos 1970, consolidou o desenvolvimento da região, a partir de um processo de desconcentração industrial realizado no Estado de São Paulo, fato que, segundo Baeninger³, fez com que a região passasse a receber grandes contingentes migratórios. Inicia-se a expansão generalizada da urbanização a partir de investimentos em transporte e mobilidade pelo poder público, em que planos urbanísticos se tornam grandes instrumentos de transformação. A partir da cidade sede, se consolidam 7 vetores de expansão, conformados por rodovias e grandes equipamentos de lazer e comércio, que induziram a localização de grandes empreendimentos habitacionais que, por sua vez, configuraram o que se denominou de “cidade difusa”⁴. Assim, a homogeneidade cultural e geográfica do território que havia caracterizado a região até o final do século XIX se rompeu com a aparição de cenários e territórios urbanos com claras diferenças entre os municípios.

Conforme aponta Oliveira⁵, diferentes práticas, atividades, ações e trajetórias, detectáveis nos movimentos de população em regiões metropolitanas, correspondem a múltiplas dimensões da realidade social, nas quais se incluem as relações de pertencimento, que se manifestam em distintas dimensões. São aspectos que confirmam a importância de se trabalhar os conceitos de memória e identidade

³ Rosana A. Baeninger. População em Movimento. In: Fonseca, R.; Davanzo, A. M. Q.; Negreiros, R. M. C. (orgs.) *Livro Verde: Desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas*. Campinas: UNICAMP, IE, 2002.

⁴ Aqui concebida como aquela que conta com todos os elementos da cidade porém separados funcionalmente e segregados socialmente e unidos por estradas e vias de transporte privado.

⁵ L. A. P. Oliveira; A. T. R. de Oliveira (Org.) “Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil”. *Estudos e Análises*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

retrospectivamente, a partir da compreensão do território historicamente conformado e não restrita aos limites municipais.

Neste mesmo sentido, a conjunção entre diacronia-sincronia é fundamental para a compreensão que se quer do território, conforme aponta Saquet⁶, assim como reconhecer:

(...) características do processo de apropriação, dominação e produção do território assim como as relações de poder, as identidades simbólicas culturais (traços comuns), as contradições, as desigualdades (ritmos lentos e rápidos), as diferenças, as mudanças (descontinuidades), as permanências (continuidades), as redes de circulação, de comunicação e a natureza interior e exterior ao homem como ser genérico (biológica e socialmente).

Com este sentido histórico, relacional e múltiplo, ou seja, como produto de mudanças e permanências no ambiente no qual se desenvolve uma sociedade, os conceitos de território e de paisagem se aproximam, na medida em que se entenda o território como o resultado das territorialidades efetivadas pelos homens e a paisagem, o nível visível e percebido deste processo, conforme aponta o autor.

Para Cabral & Buss⁷, paisagem pode ser definida como “campo de visibilidade e de significação” individual e sociocultural. Um estudo de valorização da paisagem pressupõe o deslocamento da atenção do objeto externo para os fenômenos que ocorrem com os sujeitos que a vivenciam. Na relação entre o patrimônio cultural e a formação de paisagens pode-se identificar trajetórias de vida e marcos com significados simbólicos. Os objetos também têm uma trajetória e para traçar esta biografia é necessário examiná-los, assim como a biografia das pessoas nos objetos, ao mesmo tempo suportes e extensões da identidade. São, no sentido mais amplo, referências culturais.

Segundo Londres⁸, o termo referência, etimologicamente vem do verbo latino “refere” que significa “levar”, “transferir”. Porém, tanto na filosofia da linguagem quanto na linguística, as noções de “referência” e “referente” são usadas para designar o que existiria independentemente do pensamento e da linguagem, ou seja, a realidade externa, o mundo. Já a expressão “referência cultural”, conforme afirma a autora, vem

⁶ Marcos Aurelio Saquet. Por uma abordagem territorial. In Saquet, M.A.; Sposito, E.S. (Orgs.) *Territórios e Territorialidades. Teorias, processos e conflitos*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015, p.69.

⁷ Luiz Otávio Cabral; Maria Dolores Buss. “A paisagem como campo de visibilidade e significação: um estudo de caso”. In *Revista Espaço e Cultura* n. 13, Janeiro-Junho, 2002, p.47-48.

⁸ Cecília Londres. Referências Culturais: “Base para uma novas políticas de patrimônio”. In *Inventário Nacional de Referências Culturais*. IPHAN. Departamento de Identificação e Documentação. Brasília: IPHAN/MinC, 2000, p.13.

sendo utilizada sobretudo “em textos que têm como base uma concepção antropológica de cultura e que enfatizam a diversidade não só da produção material, como também dos sentidos e valores atribuídos pelos diferentes sujeitos a bens e prática sociais.”

Para a autora, falar de referências culturais significa dirigir o olhar para representações que configuram uma identidade da região para seus habitantes, ao mesmo tempo que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos fazeres, saberes, às crenças, hábitos, etc. Não constituem, portanto, objetos considerados em si mesmos, nem apreender referências significa armazenar bens ou informações. E há que se considerar que os grupos sociais operam uma ressemantização sobre os elementos significativos, onde cada membro de algum modo se identifica. Tal perspectiva reafirma a relatividade e subjetividade de qualquer processo de atribuição de valor.

Segundo a autora:

Referências são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura.⁹

É principalmente um instrumento de conhecimento e pressupõe a inclusão da perspectiva do grupo social e o uso de critérios de natureza interpretativa. O inventário de referências culturais contribui para a delimitação da paisagem, que também envolve a identificação de aspectos materiais e imateriais, e que não se reduz ao mundo visual “ao redor” embora seja sempre definida pela subjetividade do observador referida aos objetos concretos¹⁰, de onde também se pode derivar o conceito de paisagem cultural.

⁹ Cecília Londres. Referências Culturais: “Base para uma novas políticas de patrimônio”. In *Inventário Nacional de Referências Culturais*. IPHAN. Departamento de Identificação e Documentação. Brasília: IPHAN/MinC, 2000, p.29.

¹⁰ Augustin.Berque. “Paysage-empreinte, paysage-matrice:éléments de problématique pour une géographie culturelle”. In: *l’Espace Géographique*, v.12,n.1.1984 apud Ribeiro, Rafael Winter. *Paisagem Cultural e Patrimônio*. Pesquisa e Documentação do IPHAN. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

Em 1992, na 16ª sessão da UNESCO, surge a definição de Paisagem Cultural e suas três subcategorias¹¹, entre as quais a de Paisagem Associativa, que é a que oferece mais elementos para a presente discussão. Paisagens Culturais Associativas, segundo o *ASIA Pacific Regional Workshop* de 1974¹² são “extensas ou pequenas, contíguas ou não, áreas, itinerários, rotas ou outras paisagens lineares que podem ser entidades físicas ou imagens mentais imbuídas de espiritualidade, tradição cultural e prática dos povos”.

Os valores associativos são também significativos para a compreensão das paisagens etnográficas, constituídas por forte carga simbólica, componentes da construção do significado de paisagens históricas e vernaculares. Ou seja, a identificação de referências culturais complementa e está contida, de certa forma, na de paisagem cultural. Associada ao conceito de território, que é chave para a abordagem do planejamento regional, permite estabelecer distintos recortes do espaço que se diferenciam por terem uma mesma matriz cultural e ambiental, onde o meio físico também determinou grande parte de suas identidades culturais. A partir desses recortes e do processo de construção histórica é possível reconhecer e definir os elementos patrimoniais e as estruturas territoriais criadas por diferentes culturas e períodos. O território, portanto, constituiria em si um objeto patrimonial, mais completo e complexo que a soma dos diferentes bens patrimoniais que o compõem e poderia prefigurar a delimitação de uma paisagem cultural.

Outra definição que corrobora e amplia as possibilidades de preservação a partir da leitura do território, conforme proposto nesta pesquisa, é a exposta na Declaração de Quebec¹³ sobre “a proteção do espírito do lugar”, resultado da Assembléia Geral do ICOMOS, onde se refletiu sobre “as relações entre patrimônio material e imaterial e os mecanismos que regulam o espírito do lugar”. Este último, constituído pelo “conjunto de bens materiais (sítios, paisagens, edificações, objetos) e imateriais (memórias, depoimentos, documentos escritos, rituais, festivais, ofícios, técnicas, valores, cheiros), físicos e espirituais, que atribuem sentido, valor, emoção e mistério ao lugar”.

¹¹ Leonardo Barci Catriota (Org.). *Paisagem Cultural e Sustentabilidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

¹² Susan Buggiey. “Associative values: Exploring nonmaterial qualities in cultural landscapes”. *APT Bulletin*, v. 31, n. 4, p. 21-27, 2000.

¹³ ICOMOS – International Council on Monuments and Sites. The Quebec Declaration on the Preservation of the Spirit of the Place, 2008. Disponível em: http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_EN.pdf. Acesso em: 20/10/2012.

No caso das cidades da RMC, o problema principal a destacar quanto à delimitação dos territórios e identificação e seleção dos bens culturais é que ao considerar-se o deslocamento de população em função de mudanças no modo de vida, tanto na organização social quanto na produtiva, deve-se admitir a existência de outras formas de valorização e reconhecimento pela população. Há que se considerar, por exemplo, que o duplo padrão de urbanização dado, por um lado, pelo adensamento e a concentração populacional em grandes e médias aglomerações e, por outro, pela extensão da urbanização sobre amplos espaços regionais, altera as relações e o modo de vida nestas cidades, a noção de pertencimento a um território e as relações de identidade social¹⁴, que são dimensões a serem consideradas numa análise mais aprofundada, lembrando que a espacialidade e a temporalidade dos acontecimentos têm relação com o vivido e, portanto, a territorialidade não é mais apenas a da contigüidade territorial, sendo possível falar-se hoje, e principalmente em contextos metropolitanos, de uma territorialidade sem contigüidade.¹⁵

A noção de pequena cidade, por exemplo, levando-se em conta certos modos de vida, se apóia em um conteúdo subjetivo. Para o morador de uma grande cidade, a pequena cidade não constitui uma área urbana, mas para seus moradores sim. Esta noção é dada por um conjunto de atividades e funções, padrão de edificações, de espaços públicos que podem remeter a uma definição qualitativa de área urbana.¹⁶

Os aspectos apontados explicam grande parte das questões que emergiram dos levantamentos de campo realizados nas cidades estudadas, em especial nas cidades pequenas que se desmembraram recentemente de outros municípios da região. Novos e velhos conceitos foram analisados para contemplar a diversidade dos bens culturais existentes nesse território. Algumas figuras, como a do patrimônio etnográfico¹⁷ - presente na legislação brasileira de preservação para o enquadramento do "patrimônio menor"-, foram retomadas, ainda que, neste caso específico, as manifestações consideradas não sejam mais restritas a um município.

¹⁴ Roberto Luís Monte-Mor. "A questão urbana e o planejamento no Brasil contemporâneo". In Célio Campolina Diniz; Mauro Borges Lemos (Org.). *Economia e território*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p.436 apud Soares, Beatriz Ribeiro; Melo, Nágela Aparecida. "Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais". In *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010, p.231.

¹⁵ Maria Encarnação Beltrão Sposito. "O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo". In *Cidades* v.3, n.5. Presidente Prudente: UNESP, 2006.

¹⁶ Soares, Beatriz Ribeiro; Melo, Nágela Aparecida. "Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais". In *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010.

¹⁷ Definido como um conjunto de agentes sociais, de bens materiais e imateriais, de saberes organizados que foram elaborados, transmitidos e transformados sobre um território concreto. Jimenez, Carlos Jesus Rosa. *Transformaciones metropolitanas em el territorio cultural del Aljarafe Sevillano*. Tesis Doctoral. Directora: Maria Teresa Pérez Cano. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2003.

Como em vários outros contextos formados por cidades turísticas, nas cidades da RMC pertencentes ao Circuito das Frutas, os lugares de realização das “festas tradicionais”, em geral, foram reinventados ou deslocados - itinerância que acompanhou a própria valorização imobiliária e o deslocamento da elite – e atendem principalmente a prerrogativas ideológicas, culturais e funcionais das municipalidades.¹⁸ Entendidas de forma isolada, constituem uma “tradição inventada”, no sentido que nos apresenta Hobsbawm e Ranger.¹⁹ Porém, associadas a outros elementos como a gênese das distintas culturas de frutas na região, as formas de plantar, as gerações de famílias envolvidas nas atividades, a reiteração dos rituais que envolvem sua realização (inclusive as formas de divulgação regional), as festas podem ser também concebidas como lugares de memória²⁰, pois constituem cenários ativos (resultantes de apropriação real pelos sujeitos hoje) onde estão presentes as dimensões material, simbólica e funcional da experiência coletiva.

2. A USINA ESTER: FERROVIA, FORMAÇÃO DE CIDADES E PATRIMÔNIOS DISPERSOS

A Usina Ester é constituída por um complexo conjunto de bens patrimoniais composto por uma grande indústria produtora de açúcar e álcool, suas colônias operárias, estradas de ferro, fazendas, núcleos coloniais, além de um rico patrimônio imaterial. A empresa foi a responsável pelo surgimento de diversos povoados e vilas, que por sua vez originaram distritos e municípios no interior do estado de São Paulo, como as cidades de Paulínia, Cosmópolis, Artur Nogueira, Engenheiro Coelho, Conchal e o Distrito de Martinho Prado Júnior, em Mogi Guaçu.

A usina – indústria construída a partir de um alambique de aguardente existente na região do Funil – foi fundada em 1903, após a compra e incorporação de três outras fazendas pelos irmãos José Paulino, Arthur e Sidrack Nogueira, Paulo de Almeida

¹⁸ G.M.. Souza. “Encontros com a memória: uma experiência de educação em patrimônio histórico”. In Leal, Elisabete; Paiva, O. C. (Org.) *Patrimônio e História*. Londrina; UNIFIL, 2014, p.49-62.

¹⁹ Segundo os autores, “o termo ‘tradição inventada’ é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez.” E ainda pode ser concebido como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”. Hobsbawm, E.; Ranger, T. (Orgs.) *A invenção das tradições* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9 e 10.

²⁰ Para Nora, “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” e lugares de memória são “sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos idênticos”. Nora, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História. In *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n. 10. Tradução Yara Aun Khoury. São Paulo, dez.-1993, p.9 e 13.

Nogueira e Antônio Carlos da Silva Telles. Para transformar o pequeno engenho em uma grande indústria era necessário instalar uma infraestrutura mínima no território, constituída a partir da construção da estrada de ferro da *Companhia Carril Agrícola Funilense* – que permitiria um rápido acesso a um centro urbano –, e dos *Núcleos Coloniais Campos Salles* e do *Conchal*, para obter mão de obra europeia.

Para a compreensão do processo de formação das cidades e distritos interligados pela linha da Estrada de Ferro Funilense é necessário observar o lugar e o papel da família Nogueira no cenário paulista entre os séculos XIX e XX. Uma história que confunde-se com a própria formação de Campinas, uma vez que tudo indica que os membros da família descendam de antigos sesmeiros de origem portuguesa²¹, os pioneiros da região. A partir da produção de café e cana de açúcar, construíram forte vínculo com as estruturas de poder na província de São Paulo, formando um dos principais grupos econômicos de caráter familiar.²²

O nome da família Nogueira está vinculado ao prestígio de seus membros, que atuaram em uma variada gama de atividades como projetos de colonização, cultivos em grandes fazendas, sociedades em ferrovias, indústrias, construção de imóveis em áreas nobres da capital, fundação de bancos, além de atuações no campo político, acadêmico, artístico, esportivo e na imprensa. Ao contrário de outros membros de seu grupo econômico, optaram por diversificar seus negócios, o que lhes garantiu a estabilidade econômica em vários momentos de crise.

²¹ Celso Maria de Mello Pupo. *Campinas, Município do Império*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1983.

²² Fabrício Piacente; Pedro Ramos. "Família Nogueira: Do acesso à terra no Regime de Sesmarias à produtores e comerciantes de café e de açúcar em Campinas/SP". In *Congresso Latinoamericano de Historia Económica*, 2010.



Figura 1. Implantação Usina Ester – antiga Fazenda Funil. Edificações e áreas de interesse remanescentes. Legenda: 1. Igreja São Paulo; 2. Vila Operária; 3. Clube Funilense; 4. Indústria; 5. Casa sede da Fazenda Funil (demolida); 6. Antigo edifício de estocagem de açúcar; 7. Chaminé. Fonte: Elaboração da equipe sobre imagem Google, 2011.

A biografia dos fundadores da família (principalmente José Paulino e Arthur Nogueira) evidencia o processo de construção de uma imagem em que os Nogueira são representados como uma família tradicional da “boa gente paulista”, formada por grandes empreendedores que alcançaram o sucesso nas mais variadas esferas, promotores do progresso e da modernidade, homens exemplares e honrados.²³

Todo o processo de ocupação e desenvolvimento da região do Funil se deu através de ligações familiares, financeiras e políticas entre os setores privado (com ideias e capital) e público (para garantia de funcionamento do aparato legal), o que ajudou a construir um contexto mais amplo no cenário paulista com o objetivo de sanar a crise no setor agrícola, principalmente cafeeiro, trazendo para São Paulo a industrialização e mudanças nos investimentos econômicos e tecnológicos. Tal processo culminou, entre outros fatores, com a criação de uma rede de novas cidades no interior paulista²⁴ a partir das estações implantadas ao longo da ferrovia Funilense. Várias cidades da RMC ou mesmo bairros da própria cidade sede têm seus nomes relacionados a membros da família Nogueira ou à própria ferrovia, daí a importância de se registrar os elementos referenciais deixados pela ferrovia em sua passagem em cada uma das cidades.

²³ Fernando Atique. “Arquitetura e Cotidiano no empreendimento agroindustrial: a formação do espaço operário na Usina Ester”. In Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 7, n. 1, 2000.

²⁴ Kelly Baldini. Núcleo Colonial Campos Salles: um estudo de caso sobre a dinâmica das relações bairro rural – cidades. Campinas: Dissertação/Unicamp, 2010.

2.1. O TERRITÓRIO FORMADO PELA FERROVIA

Em **Campinas**, sede da Região Metropolitana, a ferrovia teve como cenário prévio o interior paulista de meados do século XVIII e a cultura de cana de açúcar, quando o núcleo tinha uma função vital para a região, a de agregadora de um vasto território, articulando um emaranhado de caminhos que conectavam várias regiões do Sudeste brasileiro, especialmente o velho “caminho dos goiases”, fato que permitiu a condição de estabilidade econômica necessária para sua elevação à vila.²⁵

Com a riqueza oriunda do açúcar e de seu substituto, o café, sua configuração foi se alterando, adquirindo características urbanas, chegando a ser considerada a “capital agrícola” da Província de São Paulo. As transformações não foram apenas físicas mas também de ordem cultural, artística, social e religiosa, sempre calcadas na ideia de progresso e modernidade.

É nesse contexto e antes mesmo do século encerrar que ocorre a chegada da Companhia Carril Agrícola Funilense. A Funilense deixou marcas no traçado urbano de Campinas. A estação inicial, conhecida como *estação do Mercado* – nomeada oficialmente como *Carlos Botelho* (Fig.2), se localizava no Mercado Municipal, ponto estratégico para o comércio de produtos do Funil. Funcionou de 1908 a 1924.

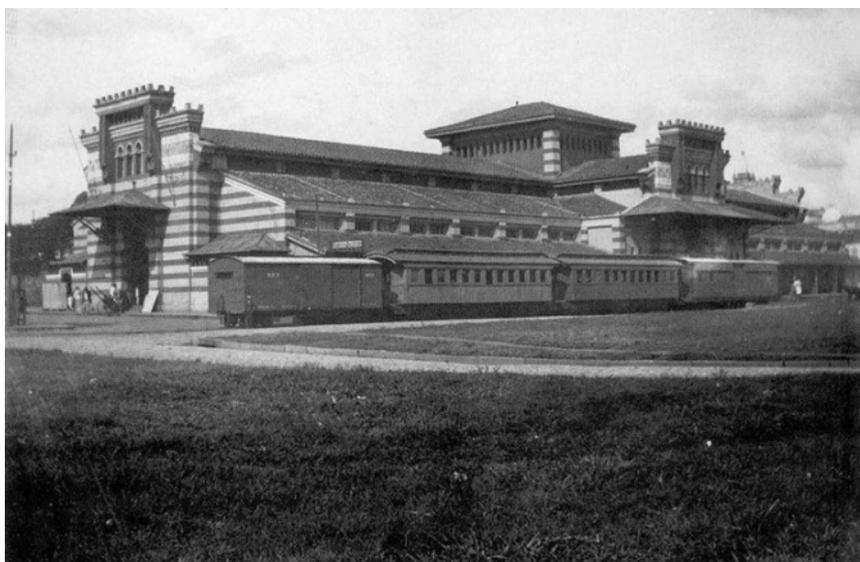


Fig.2. Estação Carlos Botelho, Campinas, 1908. Fonte:
Acervo do Centro de Memória de Cosmópolis.

Também no final do século XIX, as políticas migratórias do governo paulista trouxeram para Paulínia, na época território de Campinas, muitos italianos da região do Vêneto.

²⁵ Odilon Nogueira de Matos. “Campinas, de freguesia à metrópole: um breve roteiro para a sua história”. In: Lília Medrano; João Miguel de Godoy (orgs). *Campinas – visões de sua História*. Campinas: Ed. Átomo, 2006, p.27-39.

Fugindo da miséria, vieram trabalhar nas fazendas, substituindo a mão de obra escrava pela assalariada, alterando a realidade socioeconômica da região. A instalação do Núcleo Colonial Campos Salles e da Estrada de Ferro Funilense foram fundamentais para o desenvolvimento de **Paulínia**, que se originou de um vilarejo, em terras da fazenda de mesmo nome, do comendador Francisco de Paula Camargo, um dos primeiros incorporadores da Funilense.

A linha adentra Paulínia, em 1899, a partir da região de Betel (Fig.3). Sua primeira parada denominada Betel (antiga Capão Fresco), foi construída em 1924. A parada seguinte era na estação Santa Terezinha (antiga Deserto, ou Estiva), já demolida. Esse trajeto da linha deu origem à atual avenida Getúlio Vargas.²⁶



Fig.3. Estação Betel - construção hoje usada como escola, 2008. Fonte: site Estações Ferroviárias. Disponível em: www.estacoesferroviarias.com.br. Foto: Ralph M. Giesbrecht.

Seguia, então, pela atual avenida José Paulino (antiga rua do Comércio), passando pela estação de mesmo nome, transformada em rodoviária e demolida na década de 1960. A ferrovia foi muito importante para o desenvolvimento do pequeno núcleo, transformado em Distrito de Paz de Paulínia em 1944 e emancipado de Campinas em 1964. A linha passava em seguida por uma série de paradas já demolidas: Funchal (antigo Engenho). João Aranha, nome dado em homenagem a um dos fundadores da Cia Carril Agrícola Funilense e Guatemozim, em terras de José Guatemozim Nogueira, outro nome importante ligado à Funilense.

²⁶ Leticia Jorge Wassall. Urbanização descontínua: fronteiras e novas centralidades, estudo de caso do município de Paulínia/SP. Campinas: Dissertação/Puccamp, 2011.

Cosmópolis é o município que possui a trajetória mais diretamente atrelada aos empreendimentos da família Nogueira, por ter se formado a partir da implantação da Usina Ester (1905), da Funilense (1899) e do Núcleo Colonial Campos Salles (1897). A chamada Villa de Cosmópolis foi fundada em 1901 (Fig.4), tornou-se Distrito de Paz em 1906, pertencente ao município de Campinas e alcançou sua autonomia como município em 1944.

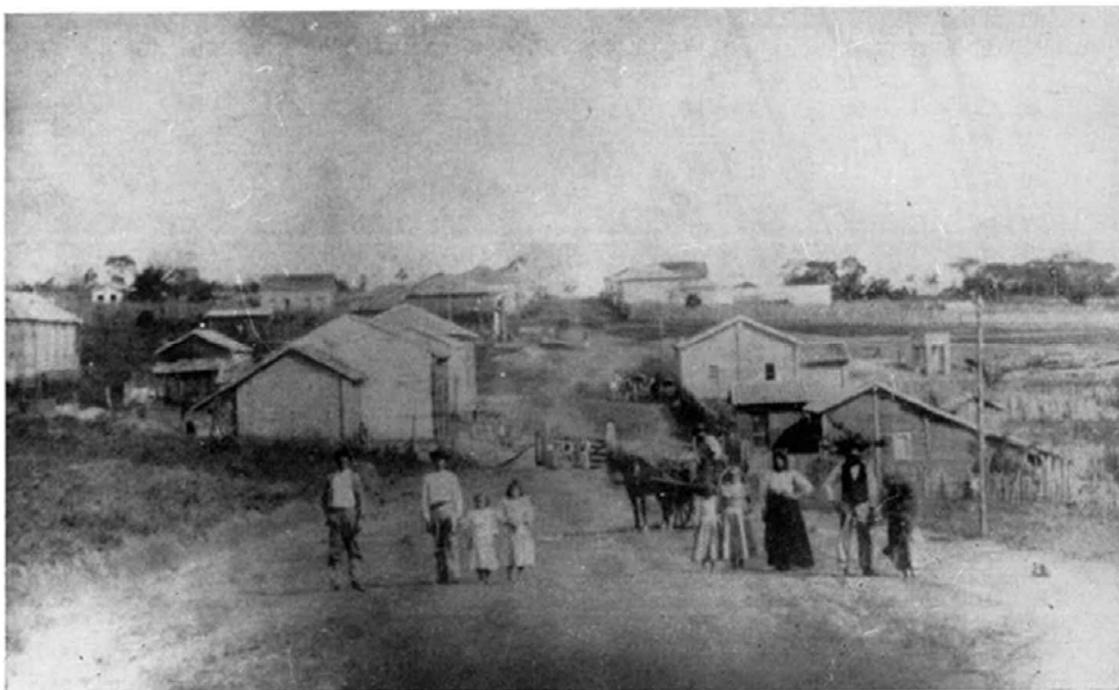


Fig. 4. Cosmópolis, Avenida Ester, 1901. Fonte: Acervo do Centro de Memória de Cosmópolis.

Assim como muitos municípios paulistas, a história de Cosmópolis começa com o pioneirismo dos bandeirantes. As bandeiras de Paschoal Moreira Cabral e Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera) foram as mais importantes para o início do desenvolvimento da região do Funil, que abrangia terras hoje pertencentes aos municípios de Campinas, Mogi Mirim e Limeira. Passaram pela região entre os anos 1719 e 1722 em direção a Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás e fundando Mogi Mirim e Campinas.

2.2. OS NOVOS NÚCLEOS COLONIAIS E A FORMAÇÃO DE MUNICÍPIOS

No início do século XX, a expansão dos núcleos coloniais na Província de São Paulo foi parte de um amplo projeto de incentivo à imigração europeia, vista como meio eficiente de suprir necessidades como a carência de mão de obra (para lavoura e indústria), substituindo o trabalho escravo, conforme já dito. Outra meta era o povoamento do interior paulista, com a fixação desses imigrantes, a partir da criação

de novos núcleos populacionais ou modernização dos existentes para produção de alimentos para os centros urbanos.²⁷

O projeto de implantação de um núcleo colonial suíço na região do Funil foi criado durante o período em que a fazenda era administrada pela Cia Sul Brasileira, e aprovado pelo presidente da Câmara Municipal de Campinas, José Paulino Nogueira, em 1896. Desde a década de 1870, entretanto, o governo imperial tentava incentivar a vinda de imigrantes. Em 1890, o coronel João Manoel de Almeida Barbosa havia assinado contrato com o governo provincial para estabelecer burgos agrícolas no Funil, garantindo-lhe favores e vantagens, tais como empréstimos para construção da linha férrea e concessão para navegação no rio Jaguari.²⁸

A Funilense possuía duas estações em Cosmópolis: a da Usina Ester, inaugurada em 1903, e a de Cosmópolis, de 1899, que recebeu outras denominações: Barão Geraldo de Rezende, Santa Genebra, Burgo, até que finalmente o primeiro nome (que significa “cidade universo”) passou a denominar a Vila e depois o município.

Assim como Cosmópolis, o processo de desenvolvimento de **Artur Nogueira** foi diretamente influenciado pelos empreendimentos da família Nogueira. Apesar de seu território ter pertencido oficialmente a Mogi Mirim, as transformações ali ocorridas se relacionam às histórias de Cosmópolis e de Campinas. Após a aquisição da fazenda Funil pelos Nogueira (1898), da fundação do *Núcleo Colonial Campos Salles* (1897), da inauguração da *Estrada de Ferro Funilense* (1899) e da *Usina Ester* (1905), o major Artur Nogueira conseguiu que a linha da Funilense fosse prolongada por mais alguns quilômetros, passando próxima às terras de sua fazenda São Bento, em direção à fazenda Guaiquica, atual município de **Engenheiro Coelho**.²⁹

O local escolhido para a construção da estação³⁰, chamado Lagoa Seca, situava-se dentro da fazenda Sítio Novo, de Fernando Arens Júnior e deveu-se ao fato de Arens ter criado, no mesmo ano, um projeto de loteamento em suas terras que, diferentemente dos outros projetos de ocupação da região, já visava criar ali um núcleo urbano. Em 1908, começaram a chegar várias famílias, hoje consideradas fundadoras de Artur Nogueira, especialmente as de origem italiana, alemã, portuguesa

²⁷ Kelly Baldini. Núcleo Colonial Campos Salles: um estudo de caso sobre a dinâmica das relações bairro rural – cidades. Campinas: Dissertação/Unicamp, 2010.

²⁸ Luiz Carlos Fromberg Ferreira (“Mano”); Barbosa, Ana Maria; Fronberg Ferreira, Sérgio. *Cosmópolis: de Fazenda Funil à Cidade Universo*. [s.n.], 2011.

²⁹ Luiz Carlos Fromberg Ferreira (“Mano”); Fronberg Ferreira, Sérgio. *Artur Nogueira: Berço da Amizade*. [s.n.], 2000.

³⁰ Construída em 1906, a estação foi reformada em 1938 e demolida em 1976. Uma réplica de seu prédio foi erguida pela Prefeitura em 2010, numa praça próxima a sua antiga localização.

e espanhola, iniciando a primeira fase de expansão e desenvolvimento local, com a construção de residências e casas de comércio próximas à estação.

O povoado que deu origem à cidade de Engenheiro Coelho se formou a partir da Colônia da Guaiquica, uma das cinco colônias pertencentes à Fazenda Guaiquica - matriz do núcleo urbano atual e que até a primeira década do século XX pertencia a Joaquim Cardoso de Moraes. Com a intensificação da imigração europeia na região³¹, a fazenda foi vendida a Joannes Franciscus Hereman (Jan Frans), de origem belga.³²

Aproveitando os investimentos da família Nogueira para a implantação da Usina Ester, Pedro Hereman conseguiu que o prolongamento da linha da Funilense passasse por suas terras, próxima às colônias, para o escoamento da produção agrícola. Assim, em 1912, a estação Guaiquica foi construída e inaugurada na colônia principal da fazenda. Após a instalação da energia elétrica (1937), da retificação de divisas entre distritos e municípios em 1938 e da construção de novas estradas de rodagem na região, o crescimento e desenvolvimento da colônia Guaiquica e da região se aceleraram. Em 1944, Cosmópolis obteve sua emancipação política e administrativa e, em 1948, Artur Nogueira também se emancipa. A lei estadual nº 3198, de 23/12/81, criou o Distrito de Paz de Engenheiro Coelho e o anexou a Artur Nogueira até 1991, quando finalmente foi desmembrado.³³

O percurso diacrônico da ferrovia no território originário dos sucessivos núcleos formados demonstra o potencial que a linha (inexistente) tem ainda hoje para compreender-se o nexos entre eles e a Usina Ester, matriz do vetor de expansão 3 da RMC. Porém, a partir das estações (existentes ou não) é que foi possível estabelecer vínculos, desta vez em sincronia, entre várias referências culturais (construídas ou não) de cada um dos atuais municípios. Entre os exemplares construídos simultaneamente que se repetem, destacam-se: fazendas que deram origem aos territórios, casas de guarda, paradas, caixas d'água, mastros para sinalização, vias sobrepostas ao traçado da antiga linha, igrejas (evangélicas, católicas e luteranas), capelas, pontes sobre os principais rios da região, oficinas da ferrovia, moradias de ferroviários, escolas e centros sociais comunitários de imigrantes de distintos países, casarões urbanos e construções e equipamentos das antigas colônias (residências,

³¹ Começaram a chegar na região, a partir de 1887, muitos alemães, belgas, suíços, suecos, húngaros, austríacos, poloneses, entre outros.

³² Edison Favero. *Retratos de Engenheiro Coelho*. [s.n.], 2011.

³³ Edson Favero. *Desmembramento Territorial: O processo de criação de municípios*. São Paulo: [s.n.], 2014.

oficinas de ferramentas agrícolas, armazéns, barracões, farmácias, salas de aula) ainda existentes.

3. REFLEXÕES FINAIS

Sob a ótica de trabalhar o território como um elemento patrimonial foi possível demonstrar a importância da relação diacronia-sincronia para compreender os patrimônios das cidades estudadas, em especial, as transformações do espaço e as intervenções antrópicas ao longo do tempo.

As tensões provocadas pelos novos arranjos metropolitanos induziram transformações na configuração dos núcleos tradicionais, principalmente com a emancipação de novos núcleos. Diante da ausência de integração entre as políticas de intervenção territoriais, prevalecem quase sempre distintas políticas locais e ações setoriais, inclusive em relação ao patrimônio, já que a componente cultural está ausente ou raramente aparece na discussão de planos e programas na escala regional.

Por outro lado, para tal, impõe-se a reavaliação dos instrumentos tradicionais de identificação e valorização para permitir a caracterização/preservação de áreas e conjuntos patrimoniais identificados a partir da recomposição do território e, portanto, de uma abordagem interescalar.

Alguns dos aspectos apontados emergem de uma genética comum, presente na estrutura física e social do conjunto formado a partir da Usina Ester e configuram o “espírito do lugar”, embora possam constituir paisagens culturais distintas ao longo do vetor formado pela ferrovia. Nesse sentido, o conjunto Usina Ester + ferrovia Funilense é exemplar para o entendimento das formas de ocupação da região e da paisagem formada. O quadro de funcionários da empresa é ainda hoje composto em grande parte por membros das famílias de ex-funcionários, que moram nos municípios formados ao longo do antigo percurso da Funilense e se deslocam diariamente para a usina, ou seja, reiteram rotinas e formas de apropriação sobre o território.

A descrição das fazendas, dos núcleos coloniais, urbanos, depois municípios, formados a partir da linha evidencia a importância da abordagem envolver múltiplos aspectos e escalas, para além das divisas administrativas municipais. A Funilense foi e é, portanto, o elemento estruturador que possibilita o restabelecimento da conexão entre as referências culturais que, embora dispersas, devem ser interpretadas como conjunto.

Porém, o vetor 3, formado pela Funilense, não é o único a apresentar tais características. É possível reconhecer uma semelhança nos processos de constituição

física dos territórios nos outros seis vetores da região, que igualmente interligam municípios, desde o tecido social e as dinâmicas das cidades (deslocamentos, desmembramentos, anexações) até a variedade de referências culturais (materiais e imateriais) que se entrelaçam em vários âmbitos, de forma complexa e diacrônica. Em todos os vetores realizam-se festas e festivais de grande impacto regional, o que reforça a tese de que há uma reiteração de formas de apropriação do território e de conformação de “lugares de memória” ou “cenários ativos”. Tais processos constituem uma característica singular da RMC e é objeto permanente desta pesquisa, que pretende ao final enunciar de forma abrangente uma proposição de critérios de preservação para o conjunto de bens da região.

BIBLIOGRAFIA

Araújo, Guilherme Maciel. Paisagem Cultural: Um conceito inovador. In Castriota, Leonardo Barci (Org.). *Paisagem Cultural e Sustentabilidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p.29-49.

Atique, Fernando. “Arquitetura e Cotidiano no empreendimento agroindustrial: a formação do espaço operário na Usina Ester”. In *Anais Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, v. 7, n. 1, 2000.

Baeninger, R. A.. População em Movimento. In: *Fonseca, R.; Davanzo, A. M. Q.; Negreiros, R. M. C. (orgs.) Livro Verde: Desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas*. Campinas: UNICAMP, IE, 2002.

Baldini, Kelly. Núcleo Colonial Campos Salles: um estudo de caso sobre a dinâmica das relações bairro rural – cidades. Campinas: Dissertação/Unicamp, 2010.

Cabral, Luiz Otávio; BUSS, Maria Dolores. A paisagem como campo de visibilidade e significação: um estudo de caso. In *Revista Espaço e Cultura* n. 13, Janeiro-Junho, 2002.

Castriota, Leonardo Barci (Org.). *Paisagem Cultural e Sustentabilidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COMUNIDADE EM DEBATE: Patrimônio Ambiental urbano – Unidade de Ação Comunitária. CDT. *Centro de Documentação e Informação Técnicas*. São Paulo, 1978.

Favero, Edison. *Retratos de Engenheiro Coelho*. [s.n.], 2011.

Favero, Edson. *Desmembramento Territorial: O processo de criação de municípios*. São Paulo: [s.n.], 2014.

- Fromberg Ferreira Luiz Carlos (“Mano”); Barbosa, Ana Maria; Fronberg Ferreira, Sérgio. *Cosmópolis: de Fazenda Funil à Cidade Universo*. [s.n.], 2011
- Fromberg Ferreira, Luiz Carlos (“Mano”); Fronberg Ferreira, Sérgio. *Artur Nogueira: Berço da Amizade*. [s.n.], 2000
- Hobsbawn, E.; Ranger, T. (Orgs.) *A invenção das tradições* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.
- ICOMOS – International Council on Monuments and Sites. The Quebec Declaration on the Preservation of the Spirit of the Place, 2008. Disponível em: http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_EN.pdf . Acesso em: 20/10/2012.
- Jimenez, Carlos Jesus Rosa. Transformaciones metropolitanas em el território cultural del Aljarafe Sevillano. Tesis Doctoral. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2003.
- Londres, Cecília. “Referências Culturais: Base para uma novas políticas de patrimônio”. In *Inventário Nacional de Referências Culturais*. IPHAN. Departamento de Identificação e Documentação. Brasília: IPHAN/MinC, 2000.
- Matos, Odilon Nogueira. “Campinas, de freguesia à metrópole: um breve roteiro para a sua história”. In: Lilia Medrano; João Miguel de Godoy (orgs). *Campinas – visões de sua História*. Campinas: Ed. Átomo, 2006, p.27-39.
- Nora, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. Projeto História. In *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n. 10. Tradução Yara Aun Khoury. São Paulo, dez.-1993, p.7-28.
- Oliveira, L. A. P. de, Oliveira, A. T. R. de (Org.) “Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil”. *Estudos e Análises I*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- Piacente, Fabrício; RAMOS, Pedro. “Família Nogueira: Do acesso à terra no Regime de Sesmarias à produtores e comerciantes de café e de açúcar em Campinas/SP”. In *Congresso Latinoamericano de Historia Económica*, 2010.
- Pupo, Celso Maria de Mello. *Campinas, Município do Império*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1983.
- Ribeiro, Rafael Winter. *Paisagem Cultural e Patrimônio*. Pesquisa e Documentação do IPHAN. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

Saquet, Marcos Aurelio. "Por uma abordagem territorial". In Saquet, M.A.; Sposito, E.S. (Orgs.) *Territórios e Territorialidades. Teorias, processos e conflitos*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015, p.69-90.

Soares, Beatriz Ribeiro; Melo, Nágela Aparecida. "Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais". In *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. Salvador: SEI, 2010.

Souza, G.M.. "Encontros com a memória: uma experiência de educação em patrimônio histórico". In Leal, Elisabete; Paiva, O. C. (Org.) *Patrimônio e História*. Londrina: UNIFIL, 2014, p.49-62.

Sposito, Maria Encarnação Beltrão. "O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo". In *Cidades* v.3, n.5. Presidente Prudente: UNESP, 2006.

Wassall, Leticia Jorge. *Urbanização descontínua: fronteiras e novas centralidades, estudo de caso do município de Paulínia/SP*. Campinas: Dissertação/Puccamp, 2011.